

# **MAL-ESTAR-ENTRE-LÍNGUAS: O REAL DA LÍNGUA E AS IDENTIFICAÇÕES DO SUJEITO SURDO**

Márcia Aparecida Amador MASCIA  
[marciaaam@uol.com.br](mailto:marciaaam@uol.com.br)

Universidade de Taubaté (UNITAU) e Universidade São Francisco (USF)

Este trabalho, como parte do projeto de pesquisa, “Do desejo do ideal ao contexto do possível: (re)pensando o ensino de línguas para surdos”, pretende, a partir de um corpus de textos escritos em Língua Portuguesa por sujeitos surdos, que falam LIBRAS, postular o “real da língua” para este sujeito, enquanto algo que escapa e, por isso, constitutivo de sua identidade.

No que tange ao conceito de identidade, pautar-nos-emos em estudos de cunho social (Hall e Bauman), enquanto narrativas que nos prendem ao passado, presente e futuro e em estudos da psicanálise (Freud e Lacan), enquanto “identificações” que se dão na ordem do imaginário, simbólico e real.

Para teorizarmos a respeito do “real” da língua, lançamos mão dos estudos realizados pela Análise do Discurso de linha francesa. Os autores (Pêcheux e Gadet, 2004), em “A Língua Inatingível”, pretenderam repensar a lingüística a partir de um viés crítico e, de modo particular, a teoria dos universais lingüísticos proposta por Chomsky. Se, segundo os autores (p. 55), o “real da língua não é costurado nas margens como uma língua lógica: ele é cortado por falhas, atestadas pela existência do lapso” e se “o equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível (lingüístico) vem aliar-se à contradição (histórica)” (p. 64), concluímos que existe língua e existem línguas, sendo que a lingüística foraclui esta última noção em seu interior.

Com base nessas postulações, colocamo-nos a pensar o real da língua para o sujeito surdo, no que tange, em especial, à sua escrita. O nosso sujeito de pesquisa trata-se de uma mulher, surda, adulta, graduada em pedagogia. Solicitamos que ela nos relatasse sua relação com a linguagem e/ou línguas orais e espaço-visuais. A seguir, transcrevemos o trecho para análise tal qual nos foi enviado por e-mail:

Oralismo... quando eu era pequena... PROIBIDO DE LIBRAS. So usa ORALISMO como INCORPORAÇÃO DE IDENTIDADE OUVINTE...

Comecei a lutar sobre Direitos e Deveres dos surdos no Brasil. Iniciei a lutar sobre associação dos surdos de são paulo. Receber a comunidade surdas. Sentir prazer, conversar, lazer, etc...

Me sinto mais importante da minha vida. Aconteceu a história. Nunca esqueci. Foi bom me deu CHOQUE....

1. Meu pai era preconceito de negros... Como foi aconteceu... Minha irma tinha namorado moreno. Mas meu pai não gostava de cor... Entao eu percebi jeito do meu pai estava nervoso... perguntei para minha mae.. quero saber porque meu pai ta nervoso... minha mae me diz que ele não gosta de negro... falei para minha mae como eu tenho muitos amigos surdos são negros... me sinto nada... me sinto todos são iguais... ai minha mae falou não.... e diferente... eu não entendi nada... minha mae deu exemplo... muitas pessoas brancas e se aparece uma pessoa negro é diferente.... falei não é diferente... ai minha mae deu ideia... deu exemplo muitas pessoas negras e uma pessoa branca. Entao o que vc sentiu ? ai comecei sentir diferente como comparar sou diferente do que ouvinte... Minha mae diz naooo... eu comecei discutir simmm... eu dei o exemplo para minha mae... na hora do almoco ou jantar... toda familia jantar... todos podem conversar mais facil do que eu... as vezes para mim é dificuldade acompanhando leitura labial de cadas da minha familia... entao essa sou surda diferente do que ouvinte... comecei briguei com meu pai... meus deus....Transformei como sou Identidade Surda...Comecei a minha arraigado de Lingua de Sinais.

2- comecei amigos surdos... convidei na minha casa para bater papo a vontade.... eu tinha leitura labial... mas aprendi lingua de sinais com surdos (convivi). Entao surdos foram minha casa... nos batemos papo... mas eu tava falando sinais e sem voz.... minha mae ficou estranhando de mim... pois não falo com a voz... pois minha mae estava na cozinha.... quando ela passou na sala... me diz porque vc não fala com a voz... eu respondi para que vou falar com a voz... os surdos não escuta...

Percebe-se um jogo de identificações, ou um jogo de diferenças, via língua e via relação com o outro. Na verdade, podemos identificar três momentos de identificações.

Neste pequeno recorte, cena da vida de um sujeito surdo, podemos ver, primeiramente, o papel da mãe, da família, para a constituição de sua identidade, ou seja, de uma **primeira identificação** que, neste caso, se dá via ouvintes e pela língua dos ouvintes,

a oral. Assim como o filho se subjugava ao pai/ mãe, subjugava-se, também, à língua dos pais, de onde o sujeito se significava como “quando eu era pequena... PROIBIDO DE LIBRAS. Só usa ORALISMO”.

O trecho nos permite entrever, contudo, um deslocamento dessa primeira posição-sujeito, ou seja, de subjugação à mãe, ao pai e aos ideais da mãe/pai. E, para tanto, aparece um outro sujeito nesta cena de vida – o negro – como aquele que vai desestabilizar a identidade, criando, fazendo emergir novas identificações. O sujeito-surdo, na família ouvinte, não sentia, não percebia nenhum tipo de discriminação. Mas, com o aparecimento de um outro “outro”, de um “outro” diferente, diferente na cor da pele (corpo branco X corpo negro), evento este que traz à tona a dicotomia que o oralismo tentara apagar no corpo surdo (corpo-orelha que funciona X corpo-orelha que não funciona). Isto causa um CHOQUE, materializado em letras maiúsculas, no excerto, o que nos permite estabelecer como interdiscurso o grito em internetês. O CHOQUE consiste em se dar conta de sua diferença, se o negro é diferente, então, ela, também, é diferente. Emerge, portanto, uma **segunda identificação** com o negro, o diferente, o discriminado. A diferença dela fora “apagada” pelo oralismo, ou em outras palavras, pela subjugação ao mundo, ao comportamento, à língua oral, dos pais e familiares ouvintes.

Porém, esta segunda identificação consiste, para nosso sujeito, apenas como porta de entrada para uma **terceira identificação** que se dá pelo início do relacionamento com os surdos em língua de sinais e ainda com o fato de vir a instigar o ouvinte a se deslocar de sua posição de conforto das línguas orais, para aprender uma língua de sinais a fim de que possa se relacionar com os surdos.

A escrita é a marca do corpo. É onde se dá a imbricação de 2 reais: da língua e da história (de vida). Esse real da língua só é possível compreender se se fizer funcionar o real

da história. O interdiscurso é esse real. A escrita mostra o corpo que escreve, um corpo surdo, neste caso.

O real da língua manifesta-se, neste caso, discursivamente por mecanismos de coesão das línguas espaço-visuais aplicados ao léxico e outros níveis da LP (LO). Os mecanismos de coesão de línguas orais, na modalidade escrita, são drasticamente diferentes dos mecanismos de coesão de línguas espaço-visual, como se pode perceber pelo excerto.

Se tais “lapsos” consistem no “retorno do idêntico” sob outras formas (Pêcheux, A língua inatingível, p.55), consistem, também, a nosso ver, na própria identidade do sujeito surdo, materializada nessa relação conflitante entre surdos/ouvintes e entre línguas orais/línguas espaço-visuais. Concluimos que a constituição identitária desse sujeito se dá no entremeio de dois mundos: de ouvintes e de surdos, materializada, corporificada nesta escrita de entremeio, de alíngua, neste mal-estar-entre-línguas.

O **real da língua** para este sujeito surdo: são as manifestações lingüísticas interpretadas à luz de sua história de vida; são as múltiplas identificações materializadas na sua escrita; é onde se dá o imbricamento de dois reais - da língua e da história; é a escrita que traz a marca do corpo; é o corpo-escrita que revela o corpolinguagem.

Portanto, podemos inferir que a identidade não é algo fixo, mas em movimento e se dá sempre em relação ao outro – mãe, pai, negro, surdos. Muda de acordo com a forma que o sujeito é interpelado ou representado. O real da língua é a emergência desses confrontos, desses deslocamentos, dos estranhamentos, dos paradoxos.